LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

ATUALIDADE DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

ADAIR ROCHA *- Professor Adjunto de Comunicação Social da UERJ e PUC/Rio. Pós-Doutor em Comunicação Social pela ECO-UFRJ. Autor de Cidade cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta, 3ª edição, coedição Pallas – PUC/Rio. Assessor especial do Ministro Gilberto Gil e Chefe da Representação Regional do Ministério da Cultura/ Rio de Janeiro e Espírito Santo, durante os 2 mandatos do governo Luís Inácio Lula da Silva*

Resumo: Procura-se aqui debater e esclarecer o tema da comunicação comunitária no desenvolvimento de mão dupla: a releitura acadêmica, voltada para o local, na perspectiva territorial e identitária (para melhor entender o global), alinhando-se, cada vez mais à diversidade e à pluralidade das experiências dos variados meios de comunicação na sua expressão comunitária. Essa nova postura, que explicita a cidade a partir das contradições e das afirmações das mídias locais, introduz a discussão, portanto, mais crítica e mais qualificada, não só da comunicação comunitária, mas da comunicação em si.
Palavras chave: comunicação/ comunidade/ território/ favela/ rede

THE PRESENT OF COMMUNICATION COMMUNITY

Abstract: This article aims to promote the debate and enlighten the issue of community communication within the two-way development: the academic reinterpretation, turned to the local, within the territorial and identitary perspective (to better understanding the global), increasingly aligning itself to the diversity and the plurality of the experiences with the variety of communication media in its community expression. This new attitude, that explicits the city as from its contradictions and the assertions of local media, introduces the discussion, therefore, more critical and more qualified, not just towards the community communication, but to communication itself.
Keywords: communication/ community/ territory/ *favela*/ network

Os intelectuais constituem no grupo autônomo e indiferente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais?

GRAMSCI, Antonio[1]

Introdução

Em recente Seminário[2] realizado pela PUC-Rio e pela UERJ, através dos seus respectivos núcleos de Comunicação Comunitária e Comunicação Dialógica, evidenciou-se não só a atualidade, mas sobretudo, a pertinência do debate e do desenvolvimento das

[1] Os Intelectuais e a Organização da Cultura, pag 7
[2] Seminário de Comunicação Comunitária da Região Sudeste e Centro Oeste, em 22 -25 de Outubro de 2012

experiências que se espalhara por todo o Brasil, especialmente nos territórios empobrecidos, dos espaços urbanos e da zona rural.

Alguns aspectos, no entanto, chamam mais a atenção: de um lado, a interlocução da formação acadêmica que procura articular método e pedagogia no processo que associa o rigor cientifico da pesquisa com a formação intelectual e profissional que priorize a troca de saberes na relação estudantes, pesquisadores e professores, com representações cada vez mais mobilizados, que corresponde à diversidade, à desigualdade e à pluralidade da sociedade.

Verifica-se ainda, ou de outro lado, o interesse de aproximação e, de certa forma de apropriação, do método que pressupõe a comunicação comunitária: falar desde o lugar onde as pessoas vivem, especialmente aquelas mais expostas aos conflitos advindos da ausência do poder público e de suas consequências nefastas que se confundem também com a perversão da desigualdade econômica e social, em dimensões globais e locais.

A experiência em torno dos "parceiros do RJ"[3], é um bom e expressivo exemplo. No entanto, pode-se dizer que se trata de uma tentativa de mudança de foco e de enfoque no cuidado com as fontes, porém, sem mudanças de pauta e de roteiro, dotados pela lógica institucional e do mercado, cujos pressupostos estão ditados pelo liberalismo que mascara as ambiguidades do modo de produção capitalista.

Texto e Contexto

As culturas enlatadas, diversão e ideias, nova invasão dos países hegemônicos da economia, com dizia Mc Luhan (pg.37)[4], assim como a chamada "formação da opinião pública, cada vez mais questionadas, hoje, tem na chamada "comunicação comunitária", certamente, um ingrediente importante, na nova leitura institucional e no questionamento de sua natureza.

[3] Assumido por uma das Redes de TV de grande poder econômico, com igual alcance de audiência.
[4] Simulação e poder. Uma análise da Mídia. CHAUI, Marilena

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

Afinal, quanto mais democrático e cidadão for o processo de construção e de divulgação das informações e de suas traduções e interpretações, pode-se dizer, tanto maior controle ou domínio, a sociedade terá sobre o seu destino.

Umas das primeiras e principais perguntas recaem, sobretudo, sobre a natureza das instituições: elas não se significam nelas mesmas, mas na razão que legitima a sua existência, isto é, a finalidade para que foi criada, como tão bem argumenta Foucault sobre o papel do Estado.

E, nesse contexto, há tentativas diárias de se convencionar a credibilidade da notícia à marca institucional, nela mesma. Cite-se, claramente, aqui, o que faz uma das redes, com o seu Plim-Plim, associando a verdade da notícia a quem a noticiou. Um incêndio numa mina de carvão, no interior do Estado de Santa Catarina, ou num tiroteio entre a polícia e o tráfico de drogas, numa das favelas do conjunto do Alemão, ou da maré, tal rede estava lá.

No entanto, a lógica do "olhar sobre" e não "a partir de", perde não só a credibilidade, mas deixa claro a identidade de mídia que não disfarça mais a sua "parcialidade".

Certamente, ou o mais provável, é que as novas tecnologias, disponíveis como formas de informações mais céleres, e com maior acesso à população, contribui, e muito, para a possível leitura mais crítica e, por isso mesmo, maior exigência sobre a natureza da informação, e de suas consequências.

Nesse sentido, o exemplo mais recente, e mais forte, é o papel de fonte e de distribuidor indireto que exerceu o jovem René Silva, na atualização dos fatos e acontecimentos por ocasião da "tomada" do conjunto do Alemão. Com sua prática anterior do uso do twitter, e da montagem há mais de oito anos, do jornal a Voz da Comunidade, foi capaz de superar a parafernália técnica da "excelente e espetacular cobertura" (inclusive, com cenas clássicas de guerra, na filmagem da fuga dos pequenos empresários e operários da economia da venda de entorpecentes e drogas da localidade) que os meios de comunicação nacionais internacionais faziam do grande e "novelesco" fato/notícia.

Descrito pelo próprio Renê, no referido Seminário, as redes transmitiam ao vivo suas informações a partir de sua casa, na favela (deixando sua família estupefata com a rapidez de atualização das notícias, ligando seu computador aos programas ao vivo, mas, ao mesmo

tempo, preocupada com a reações das forças em luta, naquele espaço físico, de onde se falava, temia-se pela sua segurança e de sua família).

A certa altura, já tarde da noite, quando tentava dormir, Rene é acordado pela mãe e alertado de um reboliço, no portão de sua casa, à sua espera. Desperta-se, ao se encontrar, àquela altura da noite, com uma surpreendente "coletiva", com Al Jazira, BBC e outras redes internacionais, e todas as nacionais, para se explicar por quê tinha se tornado "a fonte" daquele fenômeno, e como continuar alimentando todos os meios ali presentes.

Sua experiência da montagem do jornal desde os 12 anos (antes, na Escola, e depois, ampliando para a favela local), e criando formas de sustentabilidade e de acesso e distribuição, e ainda a curiosidade com as novas mídias e tecnologias, criou e sustentou sua credibilidade.

Também presentes no Seminário, algumas experiências se destacam: os Enraizados, de Morro Agudo, Nova Iguaçu, o Cidadão, jornal comunitário da Maré, ESPOCC[5], ligado ao Observatório de Favelas, A Notícia por quem Vive, da Cidade de Deus, A Rádio Santa Marta, o Museu da Pessoa, de São Paulo e tantos outras práticas da região sudeste, acumulam pensamento, criação e gestão em torno dos desafios contemporâneos da comunicação e da política.

A Comunicação e a Potência dos Territórios

A força de comunicação das instituições citadas, e que vem criando tradição, está na possibilidade de tradução da nova visão de cidade, calçada na potência dos territórios. A nova inserção que a cada dia amplia a linguagem da arte, na sua expressão cênica, musical, visual e da articulação dos movimentos corporais e intelectuais, revivem as instituições tradicionais da cidade, mais afeitos a um público restrito e com acesso aos bens públicos. A questão dos

[5] Escola Popular de Comunicação Crítica

novos equipamentos e da ampliação das políticas públicas está colocada, como bem chamam atenção a pesquisadora e escritora Cecília Peruzzo[6]:

> "... a participação ativa de setores da população, e os conteúdos condizentes com as realidades locais, bem como a comunicação produzida por setores subalternos organizados vem contribuindo para ampliar o aspecto educativo em torno do exercício da cidadania."

Especialmente os meios de comunicação estão desafiados pelas mudanças ocorridas no cenário econômico, político e cultural, no Brasil dos últimos anos. Algumas questões mais frequentes que disputam o novo imaginário na produção da opinião, do consumo e da concertação: que nova classe média é essa? Que Universidade? Que pactos religiosos? Que policia ou que políticas de Segurança? Como manter e recriar as tradições étnicas, religiosas, laborais, éticas, políticas, etc, resultado da passagem do Brasil rural para o urbano, com sua habitação mormente nas favelas e nas periferias? Como consolidar o avanço democrático e cidadão que torne o acesso algo comum para todos, inclusive, e sobretudo, aos meios de comunicação?

Enfim, estas seriam algumas questões que estão no epicentro do debate da cidade e da sociedade, quando a comunicação comunitária assume cada vez mais o seu protagonismo. Isto é, que caminhos atribuem a cada cidadão (ã) a construção do COMUM e do PÚBLICO, quando a diferença será não só respeitada, com reconhecida. A pluralidade assumida como pressuposto da construção democrática, bem como a desigualdade, combatida na raiz sistêmica, não na sua expressão mercadológica de livre concorrência, mas no "laissez faire" do acúmulo sem lei. Por isso, os marcos regulatórios censuram sim: os monopólios, os ologopólios, e toda concentração autoritária.

A releitura que a comunicação comunitária faz é de natureza política. Vai além dos limites territoriais, ampliando-se na diversidade das significações (Candido Gribowsky[7]).

Os monopólios vão sempre na direção inversa dos processos democráticos, onde acesso não se reduz a prestar serviços, mas sim de definir os rumos dos marcos regulatórios.

[6] In. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania.
[7] Epígrafe de Um Olha Comunitário Sobre a Cidade, in A Cidade e as Formas de Viver, ver notas bibliográficas

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

No nosso caso, sabe-se, de cor e salteado, até os sobrenomes das pouquíssimas "famílias" que monopolizam os meios de comunicação (de controle Público). Torna-se, portanto, importante afirmar que a qualificação técnica e profissional necessárias aos meios de comunicação não podem ser confundidos com o seu significado político e público.

Está em jogo, portanto, o acesso às notícias e as informações, dificilmente em seu estado puro, vez que suas escolhas, seleções exclusões são fruto de interpretação. Portanto, já de pressupostos teóricos, subjugados às áreas de interesse político social, religioso, cultural, familiar, etc. Por isso, o critério do rigor democrático é regulador.

É neste cenário, portanto, que a população cada vez mais se apropria das formas e dos meios de comunicação. Os limites locais, regionais, nacionais e globais estão cada vez mais reduzidos. Ao mesmo tempo em que, cada vez mais, a importância do local e de suas implicações no global, se acentuam.

O acesso à favela, com "teleférico" ou não, desafia cada vez mais a trajetória livre dos moradores de uma cidade. E sua prática e ampliação insinuam também a sua identificação com as políticas públicas de todo tecido urbano. Nesse sentido, a UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) quando nasce no Santa Marta, está apontando a necessidade de uma política publica de segurança que, como já se disse aqui, não se reduz à polícia[8], nem a um território local apenas. Pode-se dizer, assim, que tal situação/contexto para ser noticiado (a), exige autonomia e independência de seus agentes, na linha do público e do comum.

E por mais que a relação de representação das instituições sejam fruto de eleições diretas, no entanto, sem a cobrança, o apoio ou a participação direta classe mesma população, a tendência, via de regra, é de autodefesa e autosustentação, e ainda de submeter as mídias à sua lógica. Daí as expressões muito usadas: "chapa branca", "governistas", e até "pelegos".

Atinge-se aqui o auge das lutas pelo poder que, quanto mais rigorosos do ponto de vista da lógica pública, mais sofisticados se apresentam ao mercado.

[8] Cidade Cerzida, a costura da Cidadania no Santa Marta, cap. 5

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊM!CA
Revista Eletrônica

Amealha-se, outrossim, o coração desse debate, na exposição das contradições da carne quase ferida entre o urbano e o rural e o controle do urbano sobre o urbano, com tão bem o demostra O SOM AO REDOR[9].

Para não Concluir

Resume-se esse debate, portanto, no desenvolvimento de mão dupla: a releitura acadêmica, voltada para o local, na perspectiva territorial e identitária (para melhor entender o global), alinhando-se, cada vez mais à diversidade e à pluralidade das experiências dos diversos meios de comunicação, na sua expressão comunitária.

Citando sempre exemplos que justificam o sobredito, participei recentemente de dois programas a TV Futura que refletem bem as contradições do contexto narrativo da situação da comunicação no Brasil.

O programa Conexão Futura[10]debateu as "mídias comunitárias" com um representante da ESPOCC, ligada ao Observatório de Favelas da Maré, um programa em São Bernardo do Campo (SP), protagonizado por uma estudante de jornalismo e crianças que se dedicavam à leitura e ao estudo/exercício de roteiros e pautas de comunicação, e a mim, como professor de Comunicação Comunitária e de mídia local.

Verifica-se aí a preocupação de um de nossos monopólios de comunicação, de acompanhar e de antecipar o debate criativo na sociedade.

Uma semana antes havia sido convidado, como especialista, no Jornal Futura[11], para debater o desenvolvimento da potência das favelas, no seu empreendedorismo (de moradores/empresários), na sua preocupação de qualificação e de formação.

Essa nova postura, que explicita a cidade a partir das contradições e das afirmações das mediações locais, introduz a discussão mais crítica e mais qualificada, não só da comunicação comunitária mas da comunicação, em si.

[9] Filme de Kleber Mendonça Filho, lançado em 2012 e em cartaz atualmente.
[10] Do dia 11.12.2012, as 15h
[11] Do dia 03.12.2012, as 16h

Reduzir-se a limites, torna-se o próprio desafio de superação. O COMUM, é de natureza política, mas não se reduz ao ideológico. Seus limites locais (legais) não podem limitar seus territórios. As novas tecnologias e novas mídias dão asas para a potência, especialmente dos espaços empobrecidos, pleno, no entanto, de tradições, rituais e novas linguagens, que se misturam e se tornam referências ou fontes para as mídias comerciais.

O que inibe iniciativas que juntam poder público, mercado e mídias é que ainda acham que a retomada de territórios para o poder público (com ação policial), cobram uma ação quase culposa de "levar civilização para a favela", numa alusão explícita da ainda cultura do escravismo. A contribuição, então, da chamada "cidade submissa", é muito grande. Por sorte, a história da população brasileira é das mais diversas e plurais, a se despertar em cada canto.

Referências

ABDALLA, Lívia Maria Gonçalves. *Uma reflexão midiática sobre o fechamento do Lixão de Jardim Gramacho*, in. Comunicação, Suabjetividade e Sociedade. iVentura, RJ, 2012.

CHAUI, Marilena. *Simulacro e Poder - uma análise da mídia*, 2ª reimpressão, Editora Fundação Perseu Abramo, SP, 2010.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Círculo do Livro S. A., SP, 1982

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo*, Petrópolis, Vozes, 1998

PERUZZO, Cicília M. Krohling. *Comunicação Comunitária e a Educação para a Cidadania*, ARTIGOS/ARTICULOS, PCLA, vol.4, nº 1: out/nov/dez 2002, texto mimeo

ROCHA, Adair. *Cidade Cerzida - a costura da cidadania no Morro Santa Marta, 3ª edição revista e ampliada*, Editora PUC-Rio e PALLAS, RJ, 2012

---------- *Um Olhar Comunitário sobre a Cidade*, in. A Cidade e a Formas de Viver. Editora Museu da República, RJ, 2005.

Recebido: 16/01/2013
Aceito: 18/02/2013